

RECONSTRUINDO UM PSOL DEMOCRÁTICO, POPULAR E SOCIALISTA: ESPERANÇANDO NO PIAUÍ

CONJUNTURA NACIONAL

O Brasil enfrentou, no último ciclo político, o fortalecimento do neofascismo, do ultraneoliberalismo e do neoconservadorismo no Governo Bolsonaro. As eleições presidenciais de 2022 foram centrais para a retomada da democracia brasileira e o combate aos retrocessos. Porém, assistimos ao recrudescimento da ideologia e do movimento neofacista no Brasil. O fortalecimento do neofascismo como movimento e ideologia teve no 8 de janeiro de 2023 uma demonstração importante da força política da extrema direita, demonstrando que a nossa batalha contra o neofascismo será complexa e dura nos próximos anos.

Nesta conjuntura, é importante lembrar que a frente ampla que elegeu o Governo Lula 2023-2026 traz para dentro do governo as pressões e tensões de interesses antagônicos. É muito provável que essas contradições venham a se aprofundar daqui em diante. Outro desafio desta conjuntura é a eleição do congresso nacional mais conservador desde a ditadura civil militar brasileira. Isso exigirá do PSOL espaços constantes de análise política, formação, inserção nos movimentos sociais, atuação política junto aos trabalhadores e movimentos sociais.

Nós do PSOL tomamos a decisão certa de não ter candidatura própria e apoiar a Coligação Brasil da Esperança, considerando a conjuntura política descrita acima. Em decorrência disso, saímos maiores do que entramos. Nossa posição é coerente com os rumos que estamos construindo desde as Jornadas de Junho de 2013, o *Impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, o Governo Temer e a Eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018.

O bolsonarismo se consolidou como uma força política enraizada em parte da sociedade brasileira. Ele não se manifesta como um fenômeno econômico exclusivamente, expressando os interesses materiais das classes dominantes, mas também como um fenômeno político-cultural-ideológico que penetra em amplos setores populares orientados pelo autoritarismo e pelo neoconservadorismo.

O povo brasileiro tem sofrido constantes violências direcionadas a populações de mais vulnerabilidade social como mulheres cis, lésbicas, negros e negras, travestis, pessoas não binárias, comunidade LGBTQIA+, indígenas, quilombolas, entre outras.

Nesta conjuntura, o PSOL fortaleceu a atuação no executivo e no legislativo com atores do movimento feminista, organizado por setores da juventude, LGBTQIA+, negros e negras, periferias, entre outros.

A posição no último diretório nacional, cuja decisão é de que o PSOL não compõe espaços do governo, limitou os espaços de diálogo do PSOL com o Estado e com a sociedade. O PSOL deve construir uma estratégia para a construção de um novo país, que deve se tornar viável a partir da luta política e de novo equilíbrio de forças, aumentando a correlação de forças para o lado da classe trabalhadora, ou seja, a favor da população brasileira em seu sentido amplo. Este caminho atravessa a disputa da sociedade e do Estado de forma dialética.

O projeto político do PSOL deve preservar uma estratégia anticapitalista e tem relação direta com a mudança na correlação de forças das lutas sociais, exigindo paciência política, tática e estratégica. O Brasil está fraturado social e politicamente. O bolsonarismo conquistou enraizamento social, capilaridade política e ideológica na sociedade brasileira. Possui inserção no Congresso Nacional e elegeu para governador atores estratégicos no Sudeste.

A eleição de Lula abriu uma nova conjuntura, mas não uma superação da situação de avanço da ideologia e do movimento neofascista. Mudou, favoravelmente, a relação de forças sociais e políticas. São diferentes camadas de análise que devemos construir neste contexto histórico. Ao analisar a relação política de forças, além da infraestrutura econômica e da análise da relação social de forças superestruturais, consideramos os fatores subjetivos que explicam os processos culturais, políticos e ideológicos. O bolsonarismo possui enraizamento na superestrutura e na infraestrutura da sociedade brasileira – o que torna mais complexo o desafio. O caminho estratégico é a disputa na sociedade considerando a sociedade política e a sociedade civil de forma dialéticas e indissociável.

Portanto, em decorrência dessa janela de oportunidades com a sociedade e com o Estado, nesse momento temos dois desafios – fortalecer a participação social e os movimentos sociais; ademais de inseri-los na disputa do projeto político do Governo Federal.

O Brasil precisa de crescimento econômico, com geração de emprego, distribuição de renda, respeito ao meio ambiente e menor desigualdade, políticas públicas orientadas por uma perspectiva de gênero, política de educação, saúde, meio ambiente, entre outras. O projeto de reconstrução nacional exige uma construção

coletiva no campo político, social, econômico e cultural com investimentos públicos e políticas sociais amplas em diversos setores: saúde, educação, meio ambiente, desenvolvimento social, economia, direitos humanos, mulheres, LGBTQIA+, negros e negras, entre outros, e fortalecimento da participação social e dos movimentos sociais. Nesta conjuntura, o governo progressista é um espaço estratégico para tensionar pelo avanço das pautas historicamente construídas pelos movimentos sociais.

E, como partido político, nós do PSOL devemos ser protagonistas na luta contra o neofascismo, o bolsonarismo e a extrema direita; atuar no processo de desbolsonarização da sociedade; lutar para derrotar o bolsonarismo nas raízes ideológicas e políticas no governo, junto aos parlamentos e, principalmente, nas ruas. Não podemos subestimar a extrema direita e o PSOL deve ser linha de frente.

Para nós, a tática para derrotar a extrema direita é o enfrentamento nos campos político, social, econômico, cultural e político-ideológico no Estado e na sociedade civil. Por isso, devemos ser base de apoio do Governo Lula no parlamento, fortalecer as lutas dos movimentos sociais, defender o governo eleito nas ruas e buscar ocupar espaços na gestão articulados com a contribuição que demos e poderemos dar para o processo de reconstrução do país. Estamos juntos com Lula para reconstruir o Brasil, derrotar o fascismo e restabelecer a dignidade do povo brasileiro, possibilitando um novo ciclo de lutas por mais direitos e mais democracia.

O atual governo repete características de seus governos anteriores governando dentro dos limites da correlação de forças dada e dos acordos parlamentares possíveis, numa conjuntura política, social, econômica e cultural extremamente diferente.

Os quatro anos de experiência com o governo Bolsonaro, as condições dramáticas da vitória de Lula no segundo turno e a turbulenta transição com permanentes ameaças golpistas - culminando com o levante neofascista de 8 de janeiro de 2023 - reforçaram o sentimento de coesão em torno do governo por parte da base social da esquerda em geral e do próprio PSOL. O espaço para a construção de alternativas neste período está temporariamente interditado. Por isso, a tarefa do PSOL deverá estar orientada a viabilizar o Governo Lula, única trincheira viável para impedir o retorno da extrema direita ao poder em 2026. Este imperativo, no entanto, não torna o caminho do PSOL fácil.

O PSOL deve seguir ocupando o espaço de esquerda da base do Governo Lula, de força política a ser ouvida nas negociações de mérito dos projetos do Executivo e no Legislativo sem deixar de expressar dissenso sempre que isso se impuser. Em

outras palavras, lutaremos para que o programa eleito nas urnas seja cumprido, buscando formar alianças com setores da classe trabalhadora para esse fim, mesmo que eventualmente isso nos coloque em contradição com posições definidas pelo próprio governo. É preciso pensar uma “governabilidade a quente” com forte mobilização popular.

CONJUNTURA ESTADUAL

Nas eleições de 2022, em coligação com a Rede Sustentabilidade, O PSOL lançou candidatura própria para os cargos majoritários de Governadora, Vice-Governadora, Senador e suplentes, assim como uma bancada de candidat@s a Deputad@ Estadual e Federal. Isso foi importante para o enfrentamento da extrema direita no estado, assim como para marcar a criticidade do PSOL em relação às contradições da gestão petista no Piauí.

A necessidade de combate à extrema direita no Piauí na medida que assistimos o fortalecimento do movimento e da ideologia neofascista no país. Tivemos uma forte presença de políticos piauienses no governo de viés fascista anterior e a extrema direita tenta enrizar-se também no estado. Para tanto, apoiou candidaturas de nomes tradicionais da política piauiense que sequer tiveram a hombridade de reconhecer tal apoio em função da preferência majoritária da população do estado pelo então candidato Lula, conforme pesquisas da época. O projeto político da extrema direita se fez representar ainda por partidos menores no Piauí que também deram suporte a propostas desse neoliberalismo, neofacista e conservador que assolou o país.

Faz-se necessário também enfrentar as contradições da gestão petista no Piauí. Nos últimos anos tivemos a devastação de biomas nativos, em especial caatinga e cerrado, em função do avanço do agronegócio predador, que não respeita as comunidades tradicionais, implantam a monocultura e destrói o meio ambiente, seja pela devastação da cobertura vegetal nativa, seja pelo uso desmedido de agrotóxicos. Percebe-se ainda uma forte inclinação da gestão petista para apoiar a mineração, da mesma forma sem respeito às comunidades tradicionais e ao meio ambiente. Tudo isso com a negligência e mesmo apoio do Estado.

No que diz respeito à Educação, a gestão petista peca por não manter e fomentar escolas em comunidades tradicionais que sigam um projeto pedagógico que leve em conta a história, cultura e especificidades dessas comunidades; por não investir na

educação do campo, que pode ser realizada através de convênios com as IESs que aturam no Estado, no sentido de levar educação formal de qualidade também para a zona rural, capacitar essa população para o trabalho no campo, assim como promover capacitações que gerem renda no campo; por não implementar escolas de tempo integral com a devida atenção aos mais diversos saberes, disciplinas e aptidões, com o intuito de desenvolver o ser humano em sentido amplo; por negligenciar com o ensino superior no Estado, mantendo uma UESPI sem condições estruturais de ensino, sem contratação de professores em número suficiente para a devida manutenção dos cursos ofertados e por não valorizar a carreira docente na IES estatal. No campo da saúde, além dos problemas estruturais e contumaz desvalorização da carreira dos servidores, vemos com preocupação a busca da gestão petista atual por privatizar a gestão hospitalar em vez de buscar dotar a gestão da saúde pública de qualidade na prestação de serviços à comunidade. Na segurança, continuamos a ver uma polícia despreparada e violenta, em especial com os corpos negros e periféricos.

Nesse sentido, o PSOL precisa se aliar aos movimentos sociais e demandas populares que promovam o Bem Viver da maioria, em especial da maioria minorizada e marginalizada. Precisa aliar-se aos movimentos sociais de sujeit@s negr@s, a fim de rever uma história de marginalização, consequência direta da mácula escravagista, cujas consequências ainda se fazem perceber nos dias de hoje, seja nas condições socioeconômicas, na desvalorização cultural ou perseguição religiosa, as quais são submetidas cotidianamente nossa população negra. Deve também unir força aos movimentos de mulheres, no sentido de combater o patriarcalismo, o machismo, a misoginia e, de forma enfática, o feminicídio, que apresenta estatísticas inaceitáveis no Piauí. Da mesma forma, o PSOL precisa acompanhar a luta dos movimentos LGBTQIA+, em luta pela vida e por cidadania plena. Precisa ainda aliar-se aos movimentos de periferia, lutando pela inserção sociopolítica dos corpos periféricos, pela geração de renda e promoção das expressões artísticas provenientes da periferia.

Vale ressaltar ainda o engajamento do PSOL com demandas por políticas públicas voltadas para a juventude e sujeit@s da melhor idade. A juventude piauiense enfrenta um momento de dificuldade ímpar, com falta de perspectiva na educação, no mercado de trabalho, no lazer, esporte e cultura. Precisa também defender a velhice com qualidade, percebendo o envelhecimento da população, combatendo o etarismo e promovendo políticas públicas para a saúde, segurança e inserção social da população de mais idade.

Precisa ainda associar-se aos sindicatos em defesa da classe trabalhadora, tão vilipendiada em seus direitos, seja pelas últimas reformas trabalhistas, seja pelo desemprego, que tanto assola a população piauiense, em especial a negra e periférica. Além da defesa do emprego, é necessário políticas públicas para fomentar a geração de renda, no campo e na cidade.

Como dito no início, o PSOL lançou nas eleições de 2022 um conjunto de valiosos candidat@s a cargos majoritários e proporcionais. O desempenho de noss@s candidat@s, porém, foi aquém da inserção sociopolítica que desfruta o PSOL em nível nacional. O partido não foi capaz de efetivamente fazer chegar sua mensagem à sociedade, muito por uma conjuntura política desfavorável, mas também por problemas de políticos e organizativos do PSOL PI . Precisamos refletir sobre os rumos do PSOL no Piauí, de fortalecer uma maior inserção do PSOL na sociedade e cenário político do estado, ampliar espaços de formação política, fortalecer os setoriais temáticos e retomar a democracia interna no partido no PSOL PI.

ELEIÇÕES DE 2024

No novo ciclo político inaugurado com a Eleição Presidencial de Luís Inácio Lula da Silva em 2022, a disputa municipal de 2024 será um teste importante para aferir a relação de forças com a direita liberal e a extrema direita, mas será também um teste importante para o PSOL se afirmar como partido vocacionado para a disputa de poder.

Derrotar a extrema direita nas disputas municipais deve ser o objetivo central do PSOL, mas consolidar referências à esquerda dentro do campo democrático com a busca da unidade das forças de esquerda e centro-esquerda nos primeiros turnos das eleições também deve nortear as nossas escolhas. Conceber uma política de alianças mais ampla que mantenha a hegemonia de um projeto popular e de esquerda melhorará as condições de governabilidade e de sustentabilidade parlamentar dos nossos governos.

As eleições municipais de 2024 devem cumprir com o papel de disputar uma agenda de ampliação de direitos para os trabalhadores precarizados, reforçando lideranças com capacidade simbólica de dialogar com as periferias, especialmente mulheres, negras e negros, indígenas e LGBTQIA+, reafirmando o papel do PSOL como alternativa política antissistema, anticapitalista, antirracista, antiLGBTQIA+fóbica e feminista.

POR UM PROJETO ECOSSOCIALISTA

O estado do Piauí é conhecido mundialmente por suas riquezas naturais, mas, o avanço do capital vem ameaçando o nosso território. Conflitos socioambientalistas e projetos de mineração ameaçam a vida e exploram o território. As comunidades vem lutando e resistindo contra as investidas abusivas das grandes corporações, que não respeitam a vida e só visam somente o lucro a qualquer custo. A pauta do debate programático sobre essa temática não está presente nas discussões modelo de desenvolvimento, políticas do estado e desigualdade regionais no Governo do Estado.

São muitos os desafios que devemos enfrentar no estado do Piauí para combater as intervenções predatórias do capital contra o nosso território e contra a nossa gente, temos também como exemplo: o trabalho escravo. Infelizmente no estado do Piauí ainda encontramos trabalhadores sendo explorados no trabalho, financiados pelo capital predatório. A luta contra os conflitos socioambientalistas, trabalho escravo, contra a mineração e as demais agressões contra o meio ambiente em nosso estado, deve sempre estar presente nas lutas do PSOL – PI.

MULHERES

Somos descendentes de Esperança Garcia, Maria Sueli Rodrigues, Maria Felipa, Dandara dos Santos, Janaína Bezerra e tantas outras Mulheres que ousaram lutar na história! Portanto, nossos passos vêm de longe. Nossa luta é continuidade. Atuamos em muitas frentes. Atuamos na luta pelo direito à educação, saúde, luta das mulheres, da comunidade LGBTQIA+, das comunidades indígenas, dos territórios quilombolas, entre outros. Somos parte orgânica e imprescindível na construção partidária, somos MULHERES DO PSOL PI! A conjuntura política brasileira, atravessada pelo neofascismo, pelo ultraneoliberalismo e pela agenda neoconservadora, tem atuado na retirada de direitos conquistados pelo movimento feminista e LGBTQIA+ e pelas políticas públicas orientas pela perspectiva de gênero.

Somos feministas que ousam lutar por uma sociedade na qual não haja instituições orientadas pelo patriarcado, pela divisão de classes sociais, divisão sexual do trabalho, trabalho doméstico não remunerado, hierarquias de gênero, relações de poder desiguais entre os diversos sujeitos e atores sociais, heterossexualidade compulsória, violência política de gênero, racismo e LGBTQIA+fobia.

Lutamos por uma sociedade sem racismo, patriarcado e LGBTfobia! O que nos aquilomba é o socialismo como alternativa à sociedade capitalista. Desta forma, lutamos pela paridade de gênero nas instâncias de direção; pelo fortalecimento do setorial de mulheres do PSOL PI com inserção mais orgânica e permanente no movimento de mulheres e no movimento feminista; pela construção de um projeto de poder para o Piauí que seja feminista, antirracista, democrático e popular para as mulheres. Um projeto de poder que articule a luta feminista e de mulheres com as lutas gerais considerando a interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe.

Desta forma, defendemos Justiça por Marielle; reversão das contrarreformas do Governo Bolsonaro, o combate à exploração sexual de crianças e adolescentes; a luta pela implementação de educação sexual nas escolas; a garantia de investimento 100% público no SUS e na educação; a garantia do aborto legal, seguro e gratuito, não ao Estatuto do Nascituro e à PEC 29/2015! A defesa do ECA e a garantia da rede de proteção à criança e ao adolescente; não à Escola Sem Partido e à educação domiciliar; implantação plena da Lei Maria da Penha com estruturação da rede de atenção, apoio e proteção; fortalecimento de políticas públicas orientadas pela perspectiva de gênero que considere as interseccionalidade de gênero, raça e classe, fortalecimento da participação política das mulheres nos espaços de poder; fortalecimento da candidatura de mulheres negras, indígenas, quilombolas, lésbicas, travestis e transexuais no Partido Socialismo e Liberdade. Desta forma, defendemos a maior participação política das mulheres com fortalecimento de lideranças femininas negras, indígenas e trans nos espaços políticos; apoio às candidaturas para garantir incorporação das demandas do movimento de mulheres e do movimento feminista na atuação política; seminários de formação política de mulheres; e garantir a paridade de gênero nas direções estaduais e municipais.

NEGRAS E NEGROS

O racismo estrutural e o capitalismo estruturam as desigualdades na sociedade brasileira contemporânea. A juventude negra está subordinada pela guerra às drogas que impulsiona o encarceramento em massa, aumento da letalidade policial e da violência, em um genocídio do povo negro. As condições de vida das periferias se articulam com os altos indicadores de feminicídio, ausência de saúde, educação, assistência social,

terra e moradia. As religiões de matriz africana são perseguidas e o conhecimento ancestral negro é apagado da nossa identidade e história social.

Porém, não tememos luta. A resistência negra ao neofascismo - o Movimento Negro foi o primeiro a retomar as ruas. O Movimento Negro foi vanguarda contra Bolsonaro e seu discurso reacionário de extrema direita, autoritário, violento, apoiado por milícias, combinado à agenda ultraliberal de privatização e corte de investimentos sociais. A formação escravista do Brasil, de concentração de riqueza, estruturada no racismo, violenta e de cidadania restrita, reflete-se no abismo socioeconômico, intensificado pelo governo do presidente Jair Messias Bolsonaro.

O combate ao neofascismo exige que o PSOL se pinte de povo e se abra a novas ações políticas cotidianas, novos corpos e práticas. Enegrecer o PSOL. Nosso partido é perigoso ao sistema e corpos negros são alvo na reação violenta de eliminação da esquerda. O Estado sempre deixou de garantir direitos básicos à população negra, quilombola e periférica, cuja resistência não é opção, mas sobrevivência. O racismo é central na organização da miséria no capitalismo brasileiro, que tem características próprias, estabelecendo as categorias de classe a partir das categorias de raça e do legado da escravidão.

Aprofundar a democracia é ter a negritude no centro de decisões, estendendo-a à periferia em estado de sítio: com invasão domiciliar, execução, tortura e prisão ilegal. Enegrecer o PSOL é se aproximar do Movimento Negro e construir um programa antirracista nacional de combate ao genocídio e do fundamental debate da reforma urbana, dos territórios das cidades e dos povos tradicionais, da luta contra a especulação, biopirataria, guetificação da pobreza, da indústria carcerária e de segurança privada/milícias, pela desmilitarização da polícia, fim do auto de resistência e da guerra às drogas.

É fundamental um Setorial de Negras e Negros no PSOL PI e a construção de um encontro estadual da Negritude do PSOL em 2023; estruturar ações de militância neste campo; fortalecer nossa relação com o movimento negro; debruçar em contribuições eleitorais, garantindo programa e política antirracistas; e que as candidaturas negras estejam nas faixas prioritárias do Fundo Eleitoral. Avançar nas cotas na direção do partido. Não há socialismo sem protagonismo negro na construção de uma sociedade livre, justa e sem privilégios.

Lembremos da quilombagem, das revoltas, das lutas populares, da luta pelo Bem Viver pelo movimento de mulheres negras. Nossos passos vêm de longe! Por um

partido inspirado na vida e obra de Esperança Garcia, Sueli Rodrigues e Janaína Rodrigues!

AS LGBTQIA+ VÃO DERROTAR O NEOFASCISMO

Nesta contribuição, partimos da compreensão que a principal tarefa do PSOL é derrotar o bolsonarismo e construir uma agenda de defesa dos direitos da população LGBTQIA+ para o Brasil. O neofascismo representa um projeto político de negação da existência, de criminalização das vidas e de retirada completa dos nossos direitos e cidadania da comunidade LGBTQIA+. O movimento LGBTQIA+, em meio a todas as suas divisões e disputas, encontra-se na luta em defesa dos direitos da comunidade e contra a agenda neoconservadora em andamento. Nossa aposta, como militantes LGBTQIA+ revolucionários, precisa ser o fortalecimento desta consigna, organizar e unir as LGBTQIA+ em torno desta luta em conjunto com a classe trabalhadora.

Durante décadas, o movimento LGBTQIA+ brasileiro se acomodou em estruturas burocráticas e nos aparatos ligados ao Estado. Seja por meio de ONGs ou de conselhos regionais e nacionais, houve uma aposta de que não seria mais necessária a radicalidade e o movimento de ruas, reforçada pela estratégia de conciliação de classes do petismo. O movimento que seguia com mais peso nas ruas era o das paradas LGBTQIA+, que aos poucos foram sendo sequestradas pelo grande capital, até mesmo países sem compromisso real com essa pauta, em muitos casos com aval e apoio dos movimentos ligados à velha esquerda.

O neofascismo declarou abertamente guerra às LGBTQIA+, e seu governo avançou contra nossos direitos, como no caso das políticas de HIV/AIDS, promovendo a violência contra os nossos. Em particular contra as pessoas trans e travestis, que têm sido ainda mais vitimadas.

Esse não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Ao redor do mundo, vemos ataques às LGBTQIA+, como no caso da Rússia, Turquia e outros países comandados pela direita ou extrema direita.

No Brasil há resistência. E muita! Desde as mobilizações de 2013 que tomaram as ruas pelo Fora Feliciano, os atos contra a “cura gay”, as marchas pela visibilidade trans, as ocupações de escolas, o #EleNão e tantas outras mobilizações, as LGBTI+ estão na linha de frente da luta social.

Para que toda essa resistência LGBTQIA+ possa triunfar, ainda há importantes debilidades a se resolver neste movimento. Em primeiro lugar, é necessário construir uma agenda estadual que possa dar o norte das políticas que defendemos.

Em segundo lugar, é preciso afirmar um perfil de movimento que seja radical, que tenha nas ruas a sua principal forma de mobilização.

Em terceiro lugar, devemos disputar no seio do movimento LGBTQIA+ contra as tendências neoliberais.

Defender um projeto socialista, que tenha no marxismo sua práxis, é fundamental para combater as ilusões de que é possível construir um capitalismo colorido em que as LGBTI+ serão bem-vindas.

Essas são as tarefas que devem ser encampadas pelo conjunto do PSOL para que seja possível avançar na capacidade de organização das LGBTQIA+ e de disputa deste movimento para que possamos enterrar de vez o projeto neofascista e construir um futuro com socialismo e liberdade. Infelizmente, apesar do peso que o PSOL tem na pauta LGBTIA+, temos poucas ações importantes neste campo. Defendemos a construção de um Setorial LGBTQIA+ e um Encontro Estadual das LGBTQIA+ do PSOL para 2023-2024 para que sejamos capazes de avançar nessa articulação e discussão coletiva.

PODEMOS MAIS!

Reconhecer que nosso partido está mais forte, mais enraizado, mais estável e mais maduro ao longo de seu processo de formação histórica nos exige desenvolver também espaços de autocrítica dos desafios políticos que temos atravessado. Por isso, é preciso construir uma crítica e proposições das principais situações-limite vividas no PSOL.

O PSOL, no Piauí, tem vivido um processo de profunda centralização política administrativa, ausência de formação política, de organização política de suas instâncias, de diálogo com os diretores municipais e/ou comissões provisórias no interior do Estado, além de fragilidade no diálogo com a sociedade e na nossa inserção política eleitoral.

Entre os limites mais evidentes, está a ausência das atividades organizativas e política internas, a manutenção de relações atravessadas pela ausência de diálogo, que produzem uma correlação de forças na direção partidária centralizada e antidemocrática.

Desta forma, seguem nossas proposições para reconstrução do PSOL PI.

1. Comunicação: reforçar a presença do PSOL no Estado do Piauí e das visões do campo progressista nas redes sociais, um espaço crucial para a difusão de ideias e mobilização popular, defendendo a difusão de *software* livre e do amplo acesso da população a essas tecnologias por meio da inclusão digital.

2. Organização, funcionamento, democracia: realização de plenárias, reuniões regulares, fortalecer os diretórios municipais. Propomos, também, que sejam construídos espaços de participação direta dos filiados no processo de tomada de decisão e garantir maior participação destes nas decisões partidárias.

3. Interiorização do partido a partir do apoio e fortalecimento aos diretórios e comissões provisórias existentes e incentivo à criação de novas comissões ou diretórios em outros municípios; descentralizado assim o partido, viabilizando sua expansão no estado e contribuindo para o surgimento de novos sujeitos e atores dando mais visibilidade ao partido no estado .

4. Formação: aprofundar o espaço de formação política e programática a partir de seminários permanentes de conjuntura política, análise das políticas sociais em andamento, análise política e espaços permanentes de formulação de um projeto para o Estado do Piauí com a participação ativa da direção do PSOL, dos filiados, sindicatos, movimentos sociais, trabalhadores, conselhos de direitos e academia.

5. Organização e/ou fortalecimento de setoriais democráticos, com a criação de um regimento estimulando a criação de setoriais de juventude, indígenas, comunicação, saúde, antiproibicionista, negros e negras, tecnologia, economia, LGBTQIA+, meio ambiente, dentre outros.

O PSOL pode ser mais forte e mais democrático. Para isso, precisamos de mudanças que superem o espírito de disputa que alguns grupos insistem em reproduzir. O PSOL só será útil ao povo na medida em que estiver em condições de defender com firmeza e unidade suas posições de forma coletiva! O PSOL pode mais!

ASSINAM ESSA TESE

Nº	NOME
01	ANTÔNIA DE MARIA GUILHERME DOS SANTOS
02	ANA ESTER MARIA MELO MOREIRA
03	FRANCINALDO SILVA LEÃO
04	JULIANO ARAO PEREIRA DA SILVA

05	SEBASTIÃO ALVES TEIXEIRA LOPES
06	JOSE RIBAMAR PESSOA
07	ROMEU DIAS COUTINHO
08	STEPHANIE DA SILVA VIEIRA DE MELO
09	WERLITON DA SILVA SANTOS
10	WESLEY DA SILVA LEÃO
11	TAILSON ALVES DO REGO RIBEIRO
12	ERINALDO SILVA LEÃO
13	ERINALDA PEREIRA DA SILVA
14	JUCILEIDE HONORATO DA SILVA LEÃO
15	GEOVANA DA SILVA LEÃO
16	DEUZIRENE ALVES OLIVEIRA LEÃO
17	MARIA DE NASARÉ SILVA SOUZA
18	PEDRO DE SOUSA LEÃO
19	EGILSON SILVA LEÃO
20	JUCELINO VAIZ DE MIRANDA
21	JOSE WILSON LIMA DE OLIVEIRA
22	KALINE OHANA PEREIRA DA SILVA
23	RAVENA RAFAELA PEREIRA DA SILVA
24	JOÃO PAULO TADEU SILVA
25	FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA VALE
26	VANESSA FERREIRA CUNHA
27	ANDERSON FERREIRA DA SILVA
28	ANTONIO JOSÉ PIRES
29	EDILSON PEREIRA DA SILVA
30	FRANCIS CARLOS MARTINS DA SILVA
31	JOSÉ WILSON PEREIRA DE ARAUJO
32	ELIAS MACHADO DE CARVALHO
33	JARDIEL SANTANA DA SILVA
34	MARIA APARECIDA SILVA
35	RIQUELME DE CASTRO LOPES SILVA
36	MARCIA BEATRIZ ALVES DE ARAUJO
37	ROMARIO DA SILVA SANTOS
38	ANDRE LUIZ DA SILVA CRUZ
39	ALAN DA SILVA MORAES
40	ANTONIO CLEITON LAURINDO DE SOUSA
41	ANTONIA SOUZA DE AMORIM
42	ANTONIA ELZA SOUSA DE OLIVEIRA
43	BRUNA OLIVEIRA DE SOUSA
44	DENISE FEITOSA DA SILVA
45	FRANCISCO ELTON OLIVEIRA DE SOUSA
46	FRANCISCO WEVERTON DA SILVA SOUZA
47	FRANCIELE DA SILVA SANTOS
48	FABRICIANA GOMES DA SILVA
49	FRANCINALDA PEREIRA DA SILVA
50	IRISMAR GOMES DE LIMA
51	ISABEL DE ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA
52	JAKELINE FERREIRA DOS SANTOS

53	JAYNARA NASCIMENTO NUNES BORGES
54	JONAS DE SOUSA PEREIRA
55	JOAQUIM ALVES DE SOUSA NETO
56	JOSE ALDO ALBINO DA SILVA
57	JOSE ANGELO CARDOSO BARROS
58	JOSÉ WERLITON GOMES DOS SANTOS
59	JOVANA DE SOUZA PEREIRA
60	JESSICA BEATRIZ RODRIGUES TEIXEIRA
61	LAUDECI SILVA SOUZA
62	LEONARDO INACIO BEZERRA
63	MARIA DA LUZ ARAÚJO LOPES
64	MARIA DAS DORES FEITOSA DA SILVA
65	MARIA GIRLENE LIMA DOS SANTOS
66	MARIA VILMA FERREIRA DE OLIVEIRA
67	MARCIO JOSE DA SILVA LIMA
68	MARCELO DE SOUSA E SILVA
69	MARIA SUELEN DA SILVA LEÃO
70	MARCOS RODRIGO DE CARVALHO VASCONCELOS
71	EDUARDO PEREIRA DE SOUSA
72	EVA CARVALHO DE SOUZA FERNANDES
73	EZEQUIAS SOARES FERREIRA
74	FÁBIO CARVALHO DE SOUZA SOARES
75	GERALDO DA SILVA OLIVEIRA
76	IRACEMA CARVALHO RODRIGUES
77	JAIR ARAUJO PEREIRA
78	KEDIMA GOMES MOREIRA
79	KLEBER GOMES MOREIRA
80	KLECIO GOMES MOREIRA
81	MARIA DE JESUS MOREIRA LUSTOSA
82	MARIA NAZARIO PEREIRA
83	MOACIR FERNANDES DE ASSUNÇÃO
84	NILVAN MARQUES MACIEL
85	RAIMUNDO RIBEIRO DOS SANTOS
86	RENATO LOPES SOARES
87	ROBERTO FERREIRA SOARES
88	SHILTON PAES RIBEIRO ALVES
89	SIMONE DE OLIVEIRA MATOS
90	SOLANGE OLIVEIRA NEGREIROS
91	PEDRO DOS SANTOS MARQUES
92	EDMAR DOS SANTOS MOTA
93	RODRIGO FERREIRA DE SANTANA
94	SIMAO PEREIRA DE CARVALHO
95	FRANCISCA PEREIRA DE ANACLETO DOS SANTOS
96	HERLANE VIEIRA DE OLIVEIRA
97	RAIMUNDO ANTONIO FALCAO DE CARVALHO
98	PAULO JOSE DE OLIVEIRA BRAGA
99	ANTONIA MARIA NORBERTO DA SILVA
100	ALTINO LOPES DE SOUSA NETO